

## Conhecimento e memória enquanto potencial de mudança nas organizações pós-modernas

Saete Bavaresco<sup>1</sup>

Tamara Cecilia Karawejczyk Telles<sup>2</sup>

**Resumo:** O objetivo desse artigo é trazer para o estudo das organizações o debate epistemológico dentro das ciências sociais numa busca de ampliar a visão sob o enfoque de um paradigma diferente do usualmente aceito dentro desse ambiente organizacional, trabalhando novos conceitos e o papel do conhecimento tanto do ponto de vista epistemológico como ontológico dentro do processo interorganizacional do conhecimento, como uma possibilidade que essa possa transcender horizontes e remover entraves há muito calcificado dentro da gestão do conhecimento organizacional. Os autores Nonaka e Takeuchi (1997) são o referencial teórico utilizado para evidenciar as diferenças existentes apontadas por eles entre a filosofia ocidental e a oriental. A fim de satisfazer estes objetivos, foi realizada uma pesquisa teórica de caráter exploratório. Como conclusão a respeito desse universo de múltiplas possibilidades, circunscrito no universo das organizações, dá-se maior enfoque ao potencial da interação entre o conhecimento tácito e explícito, bem como, a importância dos aspectos ligados a memória na produção de novos conhecimentos e inovação.

**Palavras-chave:** Conhecimento Tácito, Conhecimento Explícito, Processo Interorganizacional do Conhecimento, Memória.

## Knowledge and memory as a potential for change in post-modernity organizations

**Abstract:** The aim of this article is to bring the epistemological debate within the social sciences to the study of organizations in an attempt to broaden the vision under the focus of a paradigm different from the one usually accepted within this organizational environment, working on new concepts and the role of knowledge both from the point of view of from an epistemological and ontological viewpoint within the interorganizational process of knowledge, as a possibility that this can transcend horizons and remove obstacles that have long been calcified within organizational knowledge management. The authors Nonaka and Takeuchi (1997) are the theoretical framework used to highlight the existing differences they point out between Western and Eastern philosophy. In order to satisfy these objectives, an exploratory theoretical research was carried out. As a conclusion regarding this universe of multiple possibilities, circumscribed in the universe of organizations, greater focus is given to the potential of interaction between tacit and explicit knowledge, as well as the importance of aspects related to memory in the production of new knowledge and innovation.

**Keywords:** Tacit Knowledge, Explicit Knowledge, Interorganizational Knowledge Process, Memory.

<sup>1</sup> Universidade La Salle. E-mail: <saete.bavaresco0273@unilasalle.edu.br>

<sup>2</sup> Universidade La Salle.

## Introdução

De René Descartes a Edgar Morin, o entendimento de pesquisa científica tem se modificado radicalmente dada a evidência da dificuldade de compreensão da realidade do mundo atual, com o método até então utilizado, em função das inúmeras redes de relações sociais, econômicas, políticas, ecológicas, tecnológicas e de comunicação que têm se apresentado a nós, cada vez com maior velocidade, intensidade e, conseqüente, maior nível de complexidade. Entre os vários aspectos que têm sido repensados em termos científicos e filosóficos recorrentes, estão a dicotomia sujeito-objeto e o método a ser utilizado para o estudo da realidade (GOMES, et all, 2014).

Os princípios que têm fundamentado a pesquisa científica acadêmica se direcionavam, até então, ao das escolhas metodológicas estritamente definidas e analíticas, baseadas na busca de uma neutralidade científica, na qual a realidade investigada é vista como independente do observador (LUHMAN, 2016).

Foi no início do século XX, a partir das descobertas realizadas pela física quântica e a relatividade geral, ficou evidenciado que o paradigma, base da ciência moderna, pouco questionado até então, não respondia à complexidade detectada por tais teorias. Surge um novo paradigma, na metade do século XX, o chamado paradigma dos sistemas, que visa fundamentalmente equilibrar os axiomas baseados nos pressupostos tradicionais, os de caráter subjetivo e os de caráter objetivos (GOMES, et all, 2014).

Na era moderna, tal relação entre esses pressupostos era tratada de forma dicotômica, onde a ênfase de investigação estava direcionada à dimensão objetiva e nas ditas relações. O pensamento dos sistemas ou pensamento sistêmico é definido como uma abordagem que tenta equilibrar pensamento holístico e analítico. Na teoria dos sistemas, argumenta-se que a única maneira de compreender plenamente algo é através do entendimento das partes em relação ao todo. O Pensamento sistêmico diz respeito à compreensão de um sistema examinando os vínculos e as interações entre os elementos que o compõem. Considera o sistema geral, bem como suas partes. Esse paradigma nos oferece uma visão que não é acessível através das abordagens tradicionais e reducionistas. Como base, a teoria dos sistemas faz uso do processo de raciocínio chamado síntese na contrapartida da análise (BERTALANFFY, 1976).

O pensamento sistêmico baseia-se em um raciocínio muito distinto do paradigma ao qual estamos acostumados na ciência tradicional (GOMES, et all, 2014). Ele é holístico porque sempre se refere ao todo do sistema, como sendo o quadro de referência mais apropriado para entender algo. A compreensão sobre algum componente ou sistema está na compreensão do contexto do qual ele é parte, na sua interação com outros sistemas, bem como no seu funcionamento dentro do ambiente com um todo. O processo de raciocínio que surge a partir disso é o de síntese, que é o oposto da análise.

A abordagem sistêmica procurava romper com a percepção de causalidade linear, aquela que visava o controle das variáveis externas priorizando as causas mais fortes para um determinado efeito. Já a abordagem holística foca-se na causalidade não linear, onde múltiplos fatores afetam um resultado, à medida que eles trabalham em conjunto de forma sinérgica, e em rede, de forma a gerar um resultado combinado diferente do que a soma de seus efeitos isolados. A ideia central desse aspecto é a de emergência, onde um evento pode não ter causa direta. Um fenômeno emergente não é um efeito causado por alguma força em particular, mas sim fruto de muitas inter-relações, agindo combinadas, de forma paralela, horizontal ou em rede.

O processo de mudança pode ser conduzido pelo nível macro, frente à ocorrência de mudanças em determinadas dinâmicas e padrões, através de *loops* de retroalimentação a que chamamos de arquétipos de sistema. Sendo assim, o processo de mudança nesse modelo é visto como evolutivo, onde novos fenômenos desconhecidos surgem da complexidade do sistema e com isso, se tem uma visão de que o futuro é imprevisível por natureza (GOMES, et all, 2014).

Adepto de uma teoria particularmente própria do pensamento sistêmico, Luhmann (2016) investiga os sistemas sociais buscando sua inserção no debate sociológico que, diante da crise identificada por ele na produção de teoria, foi deixada de lado, até mesmo, o desenho de teorias gerais. Estaria em falta, portanto, a disputa por um modelo ou um paradigma que sustentasse o conhecimento sociológico, o qual se realiza, em termos teóricos, nos seguintes moldes: Os clássicos são clássicos, porque são clássicos; eles são atualmente identificados mediante autor referência. Tomar grandes nomes como orientação ou se especializar neles pode, então, ser considerada pesquisa teórica (LUHMANN, 2016, p. 9).

Luhmann (2016) se apropria de um conceito da Biologia, desenvolvido pelo pesquisador Humberto Maturana, juntamente com Francisco Varela, a *autopoiese*<sup>3</sup>, que consistia na “auto reprodução de uma espécie.” Com isso ele, ao mesmo tempo em que, de um lado, justifica o cerne assumido pelo conceito de autor referência (em sua formulação particular: *autopoiese*) de outro, destaca a pretensão de universalidade dessa abordagem teórica, que pode se manifestar e engendrar diversas formas de expressão.

Dentro do padrão básico, comum a todas as áreas do pensamento, a teoria de sistemas possui em seu quadro conceitual a visão de que a dimensão subjetiva do intérprete deve ser de igual importância para a nossa compreensão do mundo (LUHMAN, 2016). Pelo pensamento sistêmico, qualquer conhecimento do mundo é um produto de uma interação entre o sistema conceitual, utilizado pelo indivíduo ou comunidade, e os fenômenos objetivos que estão sendo observados.

Por esse motivo, para se obter uma compreensão mais completa do mundo é preciso questionar e desenvolver a estrutura subjetiva em que está sendo utilizada e o que está sendo estudado. Questionando-se sempre como vemos o mundo e como os outros veem. Para isso, tanto os pressupostos como os paradigmas e os modelos utilizados em uma investigação devem estar totalmente explícitos, de modo que todos possam examinar e conhecer os pressupostos e os possíveis vieses que possam distorcer o processo. A ênfase fica postulada no questionamento sobre qual visão de mundo está sendo utilizada pelo pesquisador e a dos que estão interagindo com o objeto de investigação (LUHMANN, 2016).

Considerando que a teoria proposta por Luhmann (2016) parte de um novo paradigma e propõe um modelo de análise distinto do até então, postulado como o “verdadeiro”, e estando esse em consonância com a proposta de embasamento teórico para a análise empírica que se pretende desenvolver nesse estudo, cabe um aprofundamento de tal proposta teórica, atendendo a visão de que a concepção teórica assumida pelo pesquisador deve estar explícita em sua investigação.

Este artigo é uma análise teórica sobre os conceitos de Luhmann (2016) à luz da gestão do

---

3 “O conceito de *autopoiese* resultou da tentativa direta [...] de providenciar a caracterização completa da organização que faz dos sistemas vivos unidades autônomas autocontidas [self-contained], e que torna explícitas as relações no âmbito de seus componentes, que precisam permanecer invariáveis sob contínuas transformações estruturais e mudanças materiais” (MATURANA, 1980, p. 47).

conhecimento e da mudança, compreendendo as organizações numa era de pós modernidade. Como procedimentos metodológicos, se assumiu esta pesquisa como uma revisão de literatura, onde as categorias conhecimento e memória são discutidas nos conceitos de Luhamnn (2016). Este ensaio teórico faz parte da construção teórica da tese de doutorado de uma das autoras no campo da Memória Social.

### **Memória, temporalidade e espaço no conhecimento**

Ao situar o objeto de análise no tempo sente-se a necessidade de melhor entender a temporalidade envolvida nos processos de resignificação. Essa temporalidade precisa ser compreendida como algo que não se enquadra no modelo científico clássico de um “puro presente”, nem tampouco se resume a um resgate do passado. Este processo de resignificação envolve um trabalho psíquico intenso. A resignificação é definida como uma constante busca de novos sentidos para a vida ou aspectos dela (JOHN, 2006).

O passado nesse sentido passa a ser um futuro que aceita tudo o que podemos projetar, que assim também o é. No que se refere ao passado, podemos completar suas lacunas de esquecimento com as memórias que quisermos inferir. Lembrar fatos de um passado não vivido, como no caso da história que nos foi contada, é olhar o passado com o mesmo distanciamento que encaramos o futuro, pois é muito difícil carregar emoções e sentimentos em ocorrências não vivenciadas.

Para Catroga:

[...] as recordações radicam na subjetividade - como mundo interno de todo e qualquer ser humano composto por emoções, sentimentos e pensamentos, embora cada um só ganhe consciência de si em comunicação com outros, pelo que a evocação do que lhe é próprio tem ínsitas as condições que a socializam, ou seja a memória individual é formada pela coexistência, tensional entre várias memórias, (pessoais, familiares, grupais regionais, nacionais etc.) que estão em permanente construção segundo as mudanças do presente em passado e suas consequentes alterações que ocorrem no campo das representações do pretérito. A anamnese enquanto presente-passado, é a experiência interior onde a identidade do eu unifica a complexidade dos tempos sociais em que cada vida individualmente compartilha (CATROGA, 2001, p.16).

Há muitas versões do presente, assim como haverá muitas versões do passado, e apenas algumas serão fixadas como História, mas não porque é a melhor ou mais “verídica”, mas sim, como visto, a que interessa aos vencedores. Assim o acontecimento posterior remodela o passado, e reconfigura o futuro segundo a ótica dos “vencedores” – porém as múltiplas possibilidades ainda estarão disponíveis – muito embora apenas uma ocorra, sendo essa a versão capaz de alterar o passado.

Desaulniers (2000) destaca que o tempo constitui-se um ponto de referência indispensável à produção de saberes científicos fazendo uso da memória. Sendo uma categoria universal a autora destacou que a vida é por excelência o fenômeno do tempo e nada do que existe é atemporal. Por isso o tempo é uma das noções essenciais que dominam toda a nossa vida intelectual, situando-se entre aquelas denominadas pelos filósofos, desde Aristóteles, de categorias do intelecto: noções de tempo, de espaço, de números, de causa, de substância, de personalidade, etc. A categoria tempo aparece como instrumentos científicos do pensamento, sendo comparável a ferramenta entendida enquanto capital material acumulado e constitui-se um alimento indispensável à análise do real, para toda e qualquer área da ciência.

Conforme Veyne (1998, p. 4), “não existe algum critério que estabeleça uma demarcação entre o histórico e o não histórico. “Então, o que se deve fazer é admitir que tudo pode tornar-se objeto da história. Para isso é suficiente ter acontecido.”

Sendo o tempo um instrumento de compreensão do real, enquanto instrumento de análise, pode instaurar rupturas em relação ao conhecimento ingênuo, desde que os procedimentos utilizados se sustentam no princípio básico, segundo o qual, fazer hoje, significa fazer mediação do objeto pelo sujeito. Conforme Bachelard (1991), as circunstâncias do real estão naturalmente embaralhadas e sua organização é capturada através dos métodos racionais que investimos sobre elas. Nessa perspectiva, mesmo o objeto, fornecendo os elementos à prova, existe o complexo firmado nas relações.

As valiosas contribuições de Bachelard (1991) sobre o tempo, por exemplo, enfatizam um aspecto extremamente importante dessa categoria - aspecto que ele denominou ‘dialética da duração’. Do seu ponto de vista, parece impossível não reconhecer a necessidade de basear a vida complexa, numa pluralidade de durações, que não tem nem o mesmo ritmo, nem a mesma solidez de encadeamento, nem o mesmo poder de continuidade.

As Ciências Humanas e Sociais, conforme Desaulniers (1999) constitui-se em uma possibilidade de retificação do conhecimento científico à medida que essas áreas da ciência procuram explorar todo o potencial epistemológico de que dispõe essa categoria universal que é o tempo, não sendo possível dissociá-la da matéria (o real), negando-se o seu movimento, e mudança. Pensando que estamos vivendo em um momento de transição para um novo paradigma, como sustenta Santos:

[...] estamos vivendo em um momento de transição paradigmática, no qual o paradigma da modernidade se encontra em declínio, em função do colapso do pilar da emancipação no pilar da regulação, fruto da convergência do paradigma da modernidade e do capitalismo. Este período transicional possui duas dimensões principais: uma epistemológica e outra societal. A transição epistemológica ocorre entre o paradigma dominante da ciência moderna e o paradigma emergente (conhecimento prudente para uma vida decente). A transição societal ocorre do paradigma dominante (sociedade patriarcal, produção capitalista, consumismo individualista, identidades fortaleza, democracia autoritária e desenvolvimento global e excludente) para um conjunto de paradigmas que ainda não sabemos exatamente o que vem a ser (SANTOS, 2000, p. 42).

Conforme Rodrigues e Neves (2012) destacaram oportunamente logo na introdução de sua obra sobre a abordagem teórica de Luhmann (1927-1998) a ousadia do teórico em transpor,

barreiras disciplinares e desenvolver um conhecimento científico verdadeiramente transdisciplinar. Sua perspectiva entra em choque com toda a tradição sociológica que, até então, considerava a sociedade formada por seres humanos que estabeleciam relações entre si e se reproduzem”, o homem era o centro. Isso porque que a noção dos sistemas sociais enquanto autorreferenciais que ele traz à reflexão, o é segundo ele por serem “capazes de operar com base em suas próprias operações constituintes(RODRIGUES e NEVES, 2012, p. 34 apud MELO JÚNIOR, 2013, p.78).

Luhmann(1927-1998) considera que os sistemas sociais são autopoieticos porque se auto reproduzem ou produzem a si mesmos enquanto unidade sistêmica. Ao postular que a diferenciação entre sistema e o entorno, coloca em evidência, segundo esses autores, tudo aquilo que não diz respeito ao sistema observado e tido como entorno, inclusive “os diferentes tipos de sistemas que coexistem em uma mesma dimensão espaço-temporal” (RODRIGUES, NEVES, 2012, p. 34 apud MELO JÚNIOR, 2013). O rompimento com toda a tradição sociológica fundamenta-se basicamente na posição em que os seres humanos ocupam

dentro da concepção de sociedade que se tinha até então. Para Luhmann (1927-1998) o sistema social se distingue de tudo o mais, inclusive dos seres humanos. Conforme esses autores bem esclarecem, para o teórico o sistema social e o sistema psíquico operam de forma autopoietica e em separado, a sociedade é tida como entorno para o indivíduo: “os seres humanos são o entorno psíquico dos sistemas sociais” (RODRIGUES, NEVES, 2012, p. 81 apud MELO JÚNIOR, 2013). Contudo, tal fato não significa dizer que a consciência não desempenhe nenhum papel junto aos sistemas sociais. Estes estariam em estado de interpenetração, o que significa dizer que “cada um desses sistemas é condição de possibilidade do outro” (RODRIGUES, NEVES, 2012, p. 59-60 apud MELO JÚNIOR, 2013).

Em sendo assim, a teoria social proposta por Luhmann (1927-1998) parte de um pensamento pós-ontológico, não linear e extremamente distinto da produção teórica em termos de pensamento nas ciências sociais, rompendo com o pensamento iluminista da ciência social.

### Novo caminho para as Ciências Sociais

Entre as questões epistemológicas centrais que foram postas em debate, principalmente, nas últimas três décadas do século XX e que afetaram imensamente as ciências naturais, também, repercutiram nas ciências sociais, trazendo um repensar a respeito dos pressupostos teórico-metodológicos sob os quais se assenta seu entendimento científico do mundo. A sociologia seguindo o mesmo rumo, das demais Ciências Sociais, tem ampliado sua preocupação dentro de seu caráter analítico<sup>4</sup>, refletindo sobre tais pressupostos e suas consequências, que de certa forma, acabam por levar a um relativo enfraquecimento da dicotomia entre ciências sociais e ciências naturais. Tendo como base a ideia de que a ciência é analítica por definição (ALVES, 2010).

Como bem apresenta Solé (2009):

La sociología, como disciplina humanista, de desarrollo desparejo en relación con otras ciencias naturales y sociales, se pregunta, al igual que ellas, cuál es la naturaleza y el alcance del conocimiento humano, cómo distinguir conocimiento científico de metafísica o simplemente de una opinión, cómo fundamentar la distinción entre ciencia y no ciencia, cómo expresar (es decir, qué lenguaje utilizar) la correspondencia entre un hecho, una idea o combinación de ideas y los términos (observables o conceptuales teóricos) que se utilicen para reflejarlos de forma fiable. En definitiva, cuál es son los términos significativos y cuáles no (p. 488).

Pensando na transdisciplinaridade, aspecto tão valioso nessa nova concepção de pensar ciência na contemporaneidade, e não conseguindo considerar, outra alternativa que não passe pela necessidade de sorver os principais aspectos a que algumas delas se debruçaram em refletir para viabilizar a amplitude de seus horizontes de análise, é que proponho considerar, mencionar e até discorrer, mesmo que brevemente, a respeito de alguns dos conceitos-chave, ao longo do presente artigo. Buscando dar enfoque aos aspectos que contribuíram na formulação de uma nova teoria de análise, que ao estar interligada a um conhecimento cooperativo multidisciplinar pode aportar um novo ponto de vista sobre o objeto empírico,

<sup>4</sup> La sociología analítica no es una teoría única ni un conjunto cerrado de teorías, sino un enfoque general para las ciencias sociales lo suficientemente abierto como para dar cabida a teorías de diferente alcance y para aceptar un razonable pluralismo metodológico, pero reconocible por la precisión conceptual, el rigor lógico, la apuesta por la construcción teórica y la contrastación empírica de las teorías. En palabras de uno de sus principales defensores, Peter Hedström, la sociología analítica busca explicar causalmente procesos sociales complejos diseccionándolos cuidadosamente para estudiar sus componentes fundamentales (de ahí el adjetivo “analítica”) (AGUIAR; FRANCISCO; NOGUERA, 2009, p. 441).

primordial das ciências sociais, a sociedade. Teoria que teve seus aspectos fundantes a partir de conexões alternativas subjacentes a diferentes áreas do conhecimento tais como: Filosofia, Matemática, Biologia, Física Quântica, Psicologia, História e Memória. Cada uma delas tem muito a nos dizer e servirão como alicerces indispensáveis à construção de uma linha de raciocínio que visa entrelaçar esses múltiplos olhares, na diversidade de seus conhecimentos, se abraçar, ao máximo, a complexidade da realidade.

Werner Karl Heisenberg (1901- 1976), prêmio Nobel de Física de 1932, considera que a ciência moderna:

(...) tem seguido algumas tendências da filosofia natural grega, pois tem reconsiderado uma série de problemas com que a filosofia havia se debatido em seus inícios (...). Existem, especificamente, duas idéias da antiga filosofia grega que na atualidade ainda determinam o curso da ciência e que são, por essa razão, de especial interesse para nós: a convicção de que a matéria consiste de pequenas unidades indivisíveis, os átomos, e a crença na força das estruturas matemáticas. (HEISENBERG, 1952, p.53 apud LEITE, SIMON, 2013, p. 24)

Considerando que a ciência moderna dentro do contexto histórico-cultural, no ocidente, constituiu-se ao longo do tempo como o principal instrumento para a compreensão do mundo, é fundamental que antes de tudo, se deve ter uma ciência da ciência, que nos torne capaz de compreender, primeiramente, tal instrumento. Segundo Silva (s/d) perguntas como: “Quais os limites da prática científica? Como o conhecimento científico é produzido? Qual a natureza dos conhecimentos científicos?” são cruciais na compreensão do mundo onde a ciência é parte dele. Sem entendermos o funcionamento interno da ciência, sua estrutura, seu alcance, seus limites, não poderemos utilizá-la efetivamente na tentativa de compreendermos o mundo (s/d, p. 4). Ainda segundo interpretação de Silva “Nenhuma ciência pode ser empreendida sem bases filosóficas preliminares, interpretações filosóficas atuais e implicações filosóficas ulteriores.” (s/d, p.6)

Se considerarmos apenas o aspecto das *interpretações filosóficas atuais* pode-se identificar que os estudos desenvolvidos por Heisenberg (1901- 1976), em sua área, como bem interpreta Silva (s/d), estão presentes quando este trata das implicações filosóficas de seu trabalho, que acabaram por culminar na necessidade de superação da ontologia materialista. Assim como, em seus estudos que abordam a compatibilidade entre os enunciados de mecânica quântica e os princípios da lógica clássica, ou ainda, seus estudos que tratam da validade e definição dos conceitos empregados pela ciência, ou seja, as relações entre “linguagem” e “ciência”.

De acordo com Silva (s/d) há pelo menos dois modos de entendermos a atividade científica. Uma que concebe que a ciência descreve o mundo, trazendo à tona as estruturas da “coisa em si” e, por conseguinte consistiria então em um discurso explicativo acerca da natureza. E outra, que concebe que a ciência descreve o modo como o homem compreende o mundo. Nesse caso, “a ciência é um discurso acerca da relação entre o entendimento e a natureza” (SILVA, s/d, p. 4). Para Heisenberg (1901- 1976), a passagem do primeiro modo de compreensão citado para o segundo modo, caracteriza a física teórica moderna. Na concepção de Heisenberg (1901- 1976), a ciência representa uma continuação da filosofia.

Pode-se identificar dentro da visão de Heisenberg (1901-1976) que a ciência só terá a ganhar se fizer uso dos fundamentos da filosofia, pois desta maneira, ampliará sua capacidade de compreensão dos próprios problemas herdados e levantados por seu labor, Heisenberg (1901- 1976), considera que a relação entre

filosofia e ciência é de fundamental importância para o aprofundamento de nossa compreensão, tanto da natureza, quanto da própria atividade científica. Para Heisenberg (1901-1976) há pelo menos três fundamentos filosóficos da ciência – dois dos quais são legados pelos gregos. O terceiro fundamento seria kantiano.

Sendo assim, começando pelo princípio, base fundamental de todo o conhecimento, e por consequência da ciência, propõe-se ingressarmos no tema do presente artigo pela porta de entrada, a Filosofia.

### Filosofia Contemporânea Ocidental - O poder da linguagem

Começando com a filosofia contemporânea ocidental<sup>5</sup>, que da mesma forma, e **já no século XX**, reformula-se a partir de um conjunto de tendências, que não chegam a conformar, exatamente, num movimento homogêneo, mas numa efervescência de reflexões de diferentes teóricos. Tais teóricos eram refratários a ideia de que a validade do conhecimento provinha de conceitos e abstrações absolutas, ou ainda, de afirmações universais e ou leis gerais.

A razão instrumental se caracteriza pela utilização **não reflexiva da ciência e das técnicas** que apenas visam finalidade. O próprio capitalismo já vinha se utilizando da racionalidade como instrumento de poder e o nazismo, por meio da câmara de gás e dos experimentos científicos cruéis utilizando prisioneiros de campos de concentração, inclusive crianças como cobaias, marcaram a contemporaneidade como uma época em que a crítica recaía sobre o ideal iluminista, aquele que acreditava que o avanço e a popularização do conhecimento garantiriam o avanço social. Por conta disso, a Filosofia Contemporânea, de certa forma, tentou estabelecer um novo padrão de racionalidade, onde a razão passaria a ser evocada como um instrumento de emancipação intelectual por meio da reflexão sobre a própria razão (PORFÍRIO, s/d).

Com a derrocada das certezas decorrentes do pensamento clássico permaneceram os problemas sociais, econômicos, científicos e tecnológicos, além dos reconfigurados conflitos e reivindicações concernentes à organização geopolítica e epistêmica do sistema-mundo contemporâneo. A partir disso surgem novas perguntas como: o que é a lógica ou o que é a ética? A filosofia contemporânea passa a refletir sobre muitas questões como estas, sendo que a mais relevante seria a “crise do homem contemporâneo”.

Para os modernos, até então, antes da ontologia, antes da pergunta metafísica, eu tenho a teoria do conhecimento, eu tenho a pergunta epistemológica, o que significa dizer, que antes de dizer o que é tal “coisa” eu tenho que me perguntar como é que somos capazes de conhecer tal coisa. O que se tem na mente é uma ideia ou representação da coisa percebida no mundo. Como é possível que essa representação em nossa mente corresponda a alguma coisa que está fora e diferente da mente, pois está fora dela (fisicamente). A filosofia moderna manteve-se ocupada em estabelecer como se dá essa relação do que está fora e do que está dentro da mente, e assim se desenvolveu.

A novidade da filosofia contemporânea dentro da filosofia da linguagem ou filosofia analítica é que, não é nem como queriam os antigos, ontologia ou metafísica, e nem é como queriam os modernos, epistemologia ou teoria do conhecimento, a pergunta filosófica básica a ser feita. Para os contemporâneos em particular, para os filósofos analíticos, a pergunta básica é sobre a linguagem. Isso porque, seja para

<sup>5</sup> A **Filosofia Contemporânea**, cronologicamente, situa-se entre algum período impreciso do século XIX até os dias atuais (PORFÍRIO, s/d).



descrever as minhas ideias, seja para descrever o mundo que as ideias buscam representar, eu preciso, necessariamente, da intermediação da linguagem. Assim o exame da linguagem passa a ser o centro de análise, ou seja, analisar rigorosamente as proposições e seus elementos até que o entendimento esteja claro.

É com a chamada virada linguística, no século XIX, que essa relação se inverte, cujo exame da estrutura da linguagem é que é, na verdade, capaz de revelar a estrutura do mundo.

Foram teóricos contemporâneos como Gotlob Frege (1848-1925), Bertran Russell, George Edward Moore (1873-1958) e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) que se detiveram a investigar as condições da linguagem por meio da lógica a partir da filosofia analítica, que se dedicaria a analisar a linguagem em suas estruturas semânticas e sintáticas. Para esses filósofos, os problemas que a metafísica tentava elucidar desde a antiguidade, eram na verdade problemas de linguagem mal resolvidos, e com isso, de certa forma, anulando a produção filosófica feita até então (PORFÍRIO, s/d).

A questão maior era como a linguagem pode corresponder e descrever o mundo? Considerando que linguagem e a realidade são coisas diferentes, ou seja, como uma pode corresponder à outra? Uma proposição não pode ser identificada com as ideias, porque cada pessoa forma uma ideia diferente a partir dela, embora o sentido possa ser o mesmo; também não pode ser identificada como sendo uma composição meramente formada por palavras porque alterando as palavras para outro idioma um conhecedor do idioma seria capaz de identificar semelhante sentido. Então, o que é o sentido de uma proposição? É a partir da lógica que tal sentido pode ser mais bem examinado. A filosofia da lógica se ocupa em investigar como é que a linguagem é capaz de representar a realidade e qual é a representação correta da realidade, para fins de inferência, ou ainda, qual é a estrutura geral e abstrata de uma sentença que é comum na linguagem que propicia a representação da realidade.

Foi com Gotlob Frege (1892) que se inicia a virada linguística, pois como um filósofo matemático, ele considerou necessária a concepção de uma lógica matemática distinta da lógica aristotélica e do período medieval, para assim viabilizar o avanço nas proposições linguísticas a serem analisadas de forma mais eficaz. A semântica filosófica proposta pelo autor surge a partir de um artigo seu intitulado como - Sobre sentido e referência (1892).

Do ponto de vista filosófico a preocupação situa-se na ideia central de que deve existir uma estrutura geral comum a todas as proposições. A filosofia da linguagem se ocupa com o que é o significado das proposições e no que ele consiste que viabiliza nossa compreensão a respeito de determinada proposição. A resposta a essas questões que mais perdurou na história da filosofia foi a Aristotélica, onde a estrutura das proposições eram compostas por sujeito, predicado, uma quantidade e uma cópula afirmativa ou negativa (união entre sujeito e predicado). Tal visão empresta a ideia de que tanto a linguagem como a realidade possuem a mesma estrutura, ou seja, a filosofia da linguagem é capaz de revelar verdades sobre o mundo.

Para Aristóteles, mencionando, de forma simplista, sua visão metafísica era de que as coisas são compostas no mundo por substâncias que tem propriedades, sendo esses predicados ou atributos que formam uma categoria ontológica e metafísica diferente da categoria das substâncias. No caso, para Aristóteles e para a maior parte dos filósofos na história da filosofia, a ordem na qual se dá essa relação era, do mundo para a linguagem, onde a linguagem pela intermediação do pensamento espelha o mundo.

Servindo-se da lógica matemática desenvolvida para analisar a linguagem Frege (1892) estabelece duas categorias distintas capazes de auxiliar na dissolução do problema de entendimento da linguagem, que seriam o sentido e a referência. Identificou que a comunicação ordinária estava construída a partir de uma linguagem, que por vezes, designava palavras distintas com o mesmo sentido, ou o contrário, palavras iguais com sentidos diferentes. A referência consistiria no objeto que se está comunicando, enquanto o sentido seria o modo como se está mencionado tal objeto. O autor acrescenta a essas categorias, a ideia de representação, que consistiria no universo interno, pois ela é mental e pessoal, diz respeito aos sentimentos relacionados ao objeto comunicado. Por tais considerações, o teórico indica que para chegar-se a uma linguagem filosófica é necessário afastar-se ao máximo dessas categorias difusas da linguagem ordinária.

Frege (1848-1925), sugeriu uma teoria capaz de resolver a estrutura da proposição, a mais aceita na atualidade, que afirma que a proposição não é feita de sujeito e predicado, mas que ela é feita de uma estrutura abstrata composta de função e argumento. A ideia de função em matemática indica a possibilidade de um espaço vazio a ser preenchido por uma variável a ele associado. Essa ideia de espaço vazio viabiliza uma estruturação aberta e flexível. Tal percepção da estrutura geral da proposição nos leva a perceber uma relação íntima entre ontologia e linguagem.

Outro teórico contemporâneo (1872-1970) baseou sua reflexão a partir de uma preocupação com os problemas filosóficos dando enfoque à teoria do conhecimento. Suas teses foram determinantes para o surgimento tanto do empirismo lógico, como da filosofia analítica. Sua reflexão parte do questionamento sobre em que se fundam o nosso conhecimento? Tais fundamentos seriam sólidos? O autor rejeita a tese do realismo (que indica que temos acesso aos objetos de forma imediata) e do idealismo (que segundo Berkeley (1685-1753) nada há fora de nossas ideias ou representações – “ser é ser percebido”). Segundo Russell (1912) há dois tipos de conhecimento, o imediato e o direto. O direto, ou por familiaridade, é aquele onde há a apresentação direta do objeto ao nosso espírito, havendo duas espécies de conhecimento nesse nível, aquele que advém da experiência – referente às informações sensoriais - e outro que é intuitivo – verdades lógico-matemáticas e as universais. A partir da combinação dessas duas espécies de conhecimentos, indaga-se o teórico, sobre como ocorre tal ligação e a que essas se aglomeram para edificar o conhecimento, cujo grau de fiabilidade deve ser aferido.

Outra tese importante abordada por Russell (1912) é a de que ele percebe que o essencial de nosso conhecimento se baseia em descrições e inferências. Em sendo assim, o conhecimento imediato vem de inferências como a indução e o conhecimento direto vem pela dedução, isso possibilita um espaço, um meio termo, entre empirismo e racionalismo, o que seria um racionalismo moderado que percebe o conhecimento como sendo aquilo que ultrapassa a experiência imediata.

Para Russell (1912) cada proposição simples (proposição atômica) corresponde a um fato simples (fato atômico), sendo que na linguagem as proposições simples podem se articular a proposições complexas (proposições moleculares). O autor coloca isso em evidência como um problema, pois no uso da linguagem comum não se analisa parte por parte da linguagem, aceitando-se assim, as proposições como um todo, podendo levar a equívocos, gerando assim os falsos problemas da filosofia. A solução referente a essa premissa está no potencial de uma análise lógica adequada da linguagem (SALVADORI, 2019).

Russell (1912) se contrapõe a posição Kantiana que acreditava que o conhecimento matemático era

um conhecimento sintético – partia de uma síntese de entendimento – referindo-se a esse conhecimento como sendo analítico – por ser a priori. Sua busca pela verdade se dava a partir da verificação desta pela definição dos termos, visando estabelecer uma linguagem lógica e precisa e que desconsiderava a linguagem ordinária. Cabe nesse sentido refletir que a desconsideração da linguagem ordinária eliminaria o espaço de onde nascem as composições artísticas, o que poderia ser uma limitação de tal tese (FERRARI, 2006).

George Edward Moore (1873-1958), que juntamente com Russell é co-fundador do movimento analítico na filosofia, e Ludwig Wittgenstein (1889-1951) investigavam as condições da linguagem por meio da lógica a partir da Filosofia analítica. Para eles os problemas que a metafísica desde a antiguidade tentava elucidar eram na verdade problemas de linguagem mal resolvida, anulando a produção filosófica feita até então (PORFÍRIO, s/d). Na tradição analítica, de G. E. Moore e Bertrand Russell em diante, o ceticismo é um tema central de interesse. Essa história surpreendentemente longa mostra o quão profundo é o desafio cético, bem como o quão fascinante demonstra ser a postura cética (BUENO, SMITH, 2016, p.127).

Ludwig Wittgenstein foi aluno G. E. Moore, e em seu livro, intitulado *Tractatus Logico-Philosophicus* (1921) trouxe uma inquietação primordial ao tema, a qual se referia a “Como os seres humanos, conseguem comunicar ideias uns com os outros?” Sua resposta a essa pergunta, pode se dizer que foi revolucionária à época, pois indicava que a linguagem funciona desencadeando dentro de nós imagens de como as coisas são no mundo. As palavras nos permitem fazer imagens de fatos, entretanto tais imagens não são idênticas de uma mente para outra, ou seja, tal comunicação acaba dando errado e ainda, pode custar muito tempo para que duas pessoas consigam identificar que haja divergências em tais imagens mentais, isso até mesmo em se tratando de coisas básicas. Daí surge sua celebre frase: “*Worüber man nicht reden kann, muss schweigen*” - Do que não se pode falar, deve-se calar. Segundo ele: As fronteiras da minha linguagem são as fronteiras do meu universo (1921).

A reflexão de Wittgenstein (1889-1951) a esse respeito o levou a concluir que a linguagem é uma ferramenta pública, para o entendimento da vida privada. No seu livro *Investigações Filosóficas* (1996) trouxe exatamente essa questão, de que ao invés de se pensar na linguagem como só uma questão de imagens, ela era na verdade, uma espécie de ferramenta que usamos para jogar diferentes “jogos” ou padrões de intenções. Nesse caso as pessoas não estão usando as palavras para capturarem fatos e sim para expressarem intenções, cada uma a sua (locutor e receptor). Fazer o jogo funcionar é para ele a chave para que haja uma boa comunicação. Outro aspecto importante abordado por ele foi o de atribuir à riqueza da linguagem, a qual estamos expostos, como sendo essa um elemento muito relevante para o nosso autoconhecimento. Segundo o autor o papel da filosofia era o de capacitar-se, essencialmente, era de depurar erros linguísticos perante a inocuidade da ética e da metafísica no campo linguístico, embora considerasse a sua importância na vida humana (BRANDÃO, 2018).

Para Wittgenstein (1969) as “certezas” de Moor são as dobradiças (*hinges*). As dobradiças não são conhecíveis nem dubitáveis, e desenvolvem um papel nas nossas práticas epistêmicas. “Se queremos que a porta se abra, é preciso que as dobradiças lá estejam” (WITTGENSTEIN, 1969, p.343).

Wittgenstein (1969) afirma que segundo sua concepção de regras gramáticas básicas, as hipóteses céticas não seriam falsas e sim sem sentido, pois semanticamente não fazem sentido. Por isso estariam excluídas de

nossas práticas epistêmicas. Assim o princípio de fechamento epistêmico<sup>6</sup> ficaria preservado, fora das chamadas regras gramaticais, por não se tratarem de proposições, segundo as regras gramaticais as que ele se refere, e como o princípio de fechamento só se aplicaria a proposições, ele dessa maneira estaria à margem.

Cabe esclarecer que segundo Wittgenstein, existe uma racionalidade prática e uma racionalidade epistêmica, ou seja, o que não é um problema no dia a dia é um problema em termos filosóficos onde reside a base do *ceticismo que, consistiria na dúvida radical* sobre a possibilidade de existir conhecimento. A premissa (1) é comumente associada ao chamado Princípio de Fechamento Epistêmico, isto é, o cético advoga que a relação epistêmica tida com uma proposição deve ser preservada nas proposições decorrentes dessa. Por exemplo, se eu sei que o João está nessa sala, então eu sei que há uma pessoa nessa sala.

A filosofia analítica reduziu a filosofia a uma pesquisa sobre linguagem, e que em seu princípio, trouxe a ideia de que a filosofia seria a análise do significado de enunciados linguísticos, acabando por passar por uma reviravolta nos anos de 1960, com uma corrente filosófica analítica que se desvincula do comprometimento especial com a análise da linguagem, fazendo emergir um novo paradigma, conhecido como a virada linguística - *linguisticturn*, como já mencionada.

Tal movimento da filosofia contemporânea rumo a uma crítica da linguagem, redundará no nascimento de uma verdadeira “filosofia da linguagem”, uma filosofia que tem como concepção básica a análise da linguagem e do processo de significação, seja por uma corrente “analítica” que estuda a linguagem ideal, ou por uma corrente “pragmática”, que investiga a linguagem ordinária e seu uso efetivo nos diversos contextos cotidianos (NIGRO, 2007, p. 31).

Esse movimento colocou em debate, pela primeira vez, no pensamento ocidental o questionamento a respeito da existência ou não de uma separação/ oposição entre a realidade “pura” e a representação linguística dessa realidade. Isso significa que a relação entre a linguagem e o mundo baseia-se por completo na linguagem, pois essa é a que abre o mundo. É a linguagem que desempenha o papel constitutivo em nossa relação com o mundo, porém ela não é um objeto do mundo, não podendo ser explicada logicamente pela impossibilidade de meramente submetê-la às distinções tradicionais entre “realidade” e “representação”. A linguagem é indubitavelmente anterior a todo o tipo de pergunta delimitada ao nosso mundo. Em sendo assim, nessa concepção, a nossa compreensão sobre o mundo está presa a uma língua em particular associada a uma comunidade linguística, a uma forma de vida. “A noção de horizonte de sentido usada pela hermenêutica, na esteira de Gadamer, aponta para essa condição humana inescapável” (NIGRO, 2007, p. 32).

Com a filosofia analítica os problemas filosóficos passam a ser abordados como fatos que devem ser resolvidos de forma argumentativa. Caracterizando-se por seu cientificismo, por fazer uso de ferramentas relacionadas à matemática, computação e lógica e a resultados das ciências naturais tais como a física, biologia neurociência, psicolinguística e antropologia. Essa corrente filosófica difundiu-se mais consistentemente nos Estados Unidos, Canadá, Reino Unido e Austrália. Tal vertente filosófica analítica, dada a sua concentração geográfica, afastou-se bastante dos pressupostos linguísticos e positivistas que motivaram sua história inicial, tornando-se extremamente plural. Assim, a filosofia contemporânea reflete sobre muitas questões sendo que a mais relevante é a “crise do homem contemporâneo”.

<sup>6</sup> Quanto à premissa (1), ela é comumente associada ao chamado **Princípio de Fechamento** Epistêmico, isto é, o cético advoga que a relação epistêmica tida com uma proposição deve ser preservada nas proposições decorrentes dessa. Por exemplo, se eu sei que o Pedro está nessa sala, então eu sei que há uma pessoa nessa sala (ZARTH, 2011).

Nonaka e Takeuchi (1997) nas suas reflexões sobre os estudos na área das teorias do conhecimento sustentam o valioso papel do conhecimento dentro da complexidade da sociedade contemporânea. O ponto fundamental para esses autores na análise que fazem a respeito do diálogo proposto por eles entre a filosofia moderna ocidental e a filosofia oriental, deixa evidente que consideram que é na socialização através do compartilhamento das experiências onde, por extensão, ocorre a produção do conhecimento. Privilegiam as interações ocorridas no cotidiano de uma organização, independentemente de especulações teóricas, ou seja, as experiências pessoais, que podem ser imitadas e realizadas por outros fica acima da linguagem. Justificam tal percepção considerando a necessidade de mudança na forma de pensar sobre o papel do conhecimento dentro das organizações.

Esses autores consideram o conhecimento como objeto principal das organizações e acreditam que nesse momento da sociedade contemporânea, que chamaram da era da informação, o conhecimento assumiu um novo papel, que não é aquele elaborado pela tradição filosófica ocidental que não vincula o saber ao lucro. Com isso os referidos autores propõem uma nova perspectiva cujo saber produzido nas e pelas organizações atendem mais as demandas de mercado do que os interesses defendidos pela tradição filosófica ocidental.

#### **Distinções epistemológicas filosóficas entre ocidente e oriente na teoria do conhecimento e memória.**

Os referidos estudiosos, Nonaka e Takeuchi (1997), trouxeram novos elementos para os estudos sobre o papel do conhecimento dentro das organizações, justificando-os, sob a perspectiva de que, até então, a administração vinha ignorado a importância deste dentro das organizações e que, portanto, este devia ser encarado a partir de uma nova abordagem. Todo esse esforço em buscar uma nova abordagem aos estudos sobre o conhecimento nas organizações se dá pela necessidade de adequação ao um novo contexto de instabilidade e complexidade que caracterizam a contemporaneidade.

Buscando viabilizar essa nova abordagem, iniciaram esse caminho pela apresentação das diferenças entre a tradição filosófica ocidental e a oriental. Enquanto a primeira buscou dar ênfase a separação entre sujeito e objeto, a segunda buscou destacar o conhecimento como sendo altamente pessoal e circunscrito nas experiências diretas. Essas experiências diretas seriam dotadas de uma complexidade de expressão de crenças, intuições e ou valores subjetivos, em função de que os códigos de linguagens não esgotam ou expressam na íntegra e, de maneira suficiente, tais dimensões do ser.

Em suas análises, Nonaka e Takeuchi (1997), perceberam que a epistemologia moderna tem enfatizado o conhecimento teórico em detrimento do prático, dentro da tradição filosófica ocidental, onde, segundo eles, prevalece a visão dualista sobre o conhecimento. Essa visão dualista deriva-se da separação do sujeito e do objeto percebido, sendo que os indivíduos adquirem conhecimento pela análise dos objetos externos. Com isso, a rigor, despreendem disso a ideia de que a epistemologia moderna enfatiza o conhecimento teórico em detrimento do prático.

Ao comparar a tradição filosófica ocidental clássica com a oriental, a respeito da concepção do conhecimento como crença verdadeira e justificada que, embora não tenha o propósito de discutir a epistemologia platônica, trazem elementos dessa tradição, intencionando justificar tal percepção a partir

das diferenças que identificaram entre elas. Tal comparação visou, fundamentalmente, indicar que as elaborações teóricas e objetivas, características da filosofia ocidental, deveriam ser redefinidas para enfatizar as experiências individuais. Na busca por uma teoria do conhecimento que tendesse superar o que consideravam ser visão dualista da filosofia ocidental, os autores manifestaram interesse pelo modelo de Polanyi (1891-1976), um polímata húngaro-britânico, que levava em conta os dois aspectos: o conhecimento tácito e o explícito na construção do conhecimento.

A partir disso a visão de Nonaka e Takeuchi (1997) conduz a ideia de que o conhecimento tácito se define como sendo altamente pessoal, “enraizado nas ações e na experiência corporal do indivíduo, assim como nos ideais, valores ou emoções que ele incorpora” (p. 19). Esse tipo de conhecimento, de característica indutiva e circunstancial, pode ser compreendido a partir da ênfase cotidiana no conhecimento, no sentido de resultar de experiências individuais e da visão pessoal de mundo. Por outro lado, o conhecimento explícito seria aquele definido como sendo formal, sistemático e objetivo, e se caracteriza por ser expresso em palavras, números ou sons e compartilhado na forma de dados, fórmulas científicas e recursos visuais, entre outras formas.

Segundo eles, o conhecimento explícito fundamenta-se entre outros aspectos, caracteriza desta maneira por estar codificado pela linguagem e ser transmitido por ela. Por esse motivo há o predomínio da natureza teórica e formal do conhecimento em contraposição ao conhecimento tácito que, em essência, é prático. Para os autores esses conhecimentos, ainda que distintos, devem interagir. O conhecimento tácito precisa ser convertido em explícito para que seja validado e transformado na produção de novos inventos ou produtos, que são a força motriz das organizações.

### Considerações finais

Entre os novos desafios impostos pela atual complexidade do mundo social, o conhecimento passou a ser o ponto de referência em resposta às essas novas demandas. Assim, tanto a filosofia quanto a gestão organizacional procuram sinalizar possíveis respostas, as quais têm se apresentado de maneiras distintas para ambos, segundo suas demandas, sendo que destacaremos a seguir uma dessas possibilidades, circunscrita no cenário organizacional.

No campo da gestão do conhecimento as oposições definidas por Nonaka e Takeuchi (1997) como pressupostos que se contrastam, tais como: caos e ordem, mente e corpo, parte e todo, dedução e indução, burocracia e força de trabalho, entre outros, ainda que estejam apresentados em polos distintos, os autores sugerem que estes fazem parte do mesmo movimento. Consideram, ainda, que tais conhecimentos são interdependentes: um se define a partir do outro, tanto quando neles há elementos de seu contrário. É exatamente na ideia de contradição, presente nessa perspectiva que está indicado o potencial intrínseco do conceito de contradição. Esse conceito sustenta a ideia dos autores de que esse age como uma força motriz de motivação dentro de uma organização, onde a possibilidade de aceitar o diferente e, refletir sobre o mesmo, pode viabilizar a produção de novos conhecimentos e inovações

A interação entre o conhecimento tácito e o explícito, termos desenvolvidos ao longo de toda a obra desses autores, poderia em nossa visão, fundar uma hiperplasia do conhecimento dentro da organização no mundo ocidental, por atrair, para si, o potencial latente de seus recursos (humanos e

materiais), além de fomentar uma inquietação diante do paradigma vigente.

Dentro deste contexto cabe ressaltar que as relações sociais necessitam de um dado tempo, assim como de um espaço determinado, cuja sua ocupação pressuponha sua constituição enquanto lugar, e o tempo, por sua vez, requer o aporte de algum plano ou espaço. Pensar o espaço faz com que o relacionem os a um local habitado por outros, ou por objetos, ou pela natureza, marcados pelo registro do tempo passado. Tais registros se encontram contidos no espaço, captado efetivamente pelas memórias, preenchidas por lugares, territórios, recheados de lembranças.

Assim sendo, o tempo é ponto de referência indispensável à produção de saberes científicos que são constituídos a partir da memória - memórias coletivas, memórias históricas, lembranças individuais, etc. Aprender a dinâmica onde o real se movimenta a medida que ele se constrói e pensando nessa dinâmica como um dos fundamentos da produção do conhecimento científico, implica na captura do tempo em que o fenômeno é constituído. Tal fenômeno constitui-se enquanto uma teia de relações que seguem seus vários ritmos, durações, formas de representação, evidenciando o complexo, consolidado nas relações.

Luhmann (1927-1998) considera que os sistemas sociais são autopoieticos porque se autoreproduzem ou produzem a si mesmos, enquanto unidade sistêmica.

Ao situar o objeto de análise no tempo, sente-se a necessidade de melhor entender a temporalidade envolvida nos processos de resignificação. O processo de resignificação abrange um trabalho psíquico intenso por uma busca incessante de novos sentidos para a vida ou a alguns aspectos dela.

Diversos processos cognitivos estão envolvidos no momento da aprendizagem, tais como a atenção, a memória, a percepção, o raciocínio, a imaginação entre outros. Assim sendo, a aprendizagem se dá baseada na experiência prévia do sujeito, que nada mais é do que seus modos de pensar, cujos quais podemos configurar como sendo seus conhecimentos prévios.

A experiência prévia do sujeito, nessa perspectiva, exerce um papel fundamental na zona de desenvolvimento proximal, abrindo novas potencialidades de aprendizagem a partir da resignificação dessas experiências, dentro de um espaço-tempo, enquanto unidade sistêmica –no caso o ambiente organizacional- que se autorreproduz ou produz a si mesma.

Cabe assim aose finalizar tal reflexão sobre a produção do conhecimento dentro das organizações, dar-se ênfase ao ponto fundamental defendido por Nonaka e Takeuchi (1997), que é na socialização, através do compartilhamento das experiências onde, por extensão ocorre, a produção do conhecimento.

## Referências

ALVES, P. C. **A teoria sociológica contemporânea: da super determinação pela teoria à historicidade.** Soc. estado. [online]. 2010, v. 25, n. 1, p. 15-31.

BARRONCAS, R. A memória, o esquecimento e o compromisso do historiador. **Em Tempo de Histórias**, n. 21, p. 124-136, 1 mar. 2013. Disponível em: <<http://periodicos.unb.br/index.php/emtempos/article/view/19842>>. Acesso em julho de 2019.

- BACHELARD, G. **A filosofia do não**. Lisboa: Abril Cultural, 1991.
- BRAUDEL, F. História e Ciências Sociais. A longa duração. **Escritos sobre a História**. São Paulo: Perspectiva, 1992.
- BERTALANFFY, L. V.; NEGRI, L. H. **Teoria Geral dos Sistemas**. Santa Catarina. 1976. [21--?]. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/filosofia/sintese-teoria-geral-dos-sistemas/>>. Acesso em julho de 2019.
- BRANDÃO, L. A filosofia da linguagem de Ludwig Wittgenstein. Comunidade Cultura e Arte. 15 de jan. 2018. Disponível em: <<https://www.comunidadeculturaearte.com/a-filosofia-da-linguagem-de-ludwig-wittgenstein>>. Acesso em outubro de 2020.
- CATROGA, F. **Memória, História e Historiografia**. Coleção Opúsculos. Coimbra-Portugal: Quarteto Editora, 2001.
- BUENO, O.; SMITH, P. J. **O Ceticismo na América Latina**. Trad.: Marcelo, Nicole. SKÉPSIS, ANO IX, No. 13, p. 126-170. Stanford Encyclopedia of Philosophy. 2016. Disponível em: <<https://plato.stanford.edu/entries/skepticism-latin-america/>>. Acesso em julho de 2020.
- DESAULNIERS, J. B. R. (Org.). **Fenômeno: uma teia complexa de relações**. PA: EDIPUCRS, 2000. Disponível em: <<http://pucrs.br/edipucrs/online/fenomeno/fenomeno.pdf>>. Acesso em julho de 2019.
- DESAULNIERS, J. B. R. Pesquisar é preciso. Com que recursos? **Seminários em Revista**. Programa de pós-graduação da FURB. Blumenau, v. 1, n. 3, mar. 1999
- FERRARI, M. Bertrand Russell - Um lógico na Educação: A escola deveria ensinar o aluno a avaliar argumentos e evidências para pensar por si mesmo, defendia este filósofo britânico, 01 de Jun. 2006. Disponível em: <<https://novaescola.org.br/conteudo/1415/bertrand-russell-um-logico-na-educacao>>. Acesso em outubro de 2020.
- GOMES, L. B.; BOLZE, S. D. A.; BUENO, R.; CREPALDI, M. A. As origens do pensamento sistêmico: das partes para o todo. Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). **DOMUS: revista Pensando Famílias**, Porto Alegre, v.18, n. 2, 2014. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1679-494X2014000200002](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1679-494X2014000200002)>. Acesso em setembro de 2019.
- JOHN, D. A resignificação da história de vida: temporalidade e narrativa no percurso da análise. – 2006. Orientador: Dr. Luis Cláudio Mendonça Figueiredo. **Tese (Doutorado)** – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo Bibliografia: Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.
- MATURANA, H. R. Autopoiesis: reproduction, heredity and evolution. In: ZELENY, M. (Org.). **Autopoiesis, dissipative structures, and spontaneous social orders**. Boulder, Westview, p. 45-79, 1980.
- LEITE, A. C. F.; SIMON, S. **Física e Filosofia Antiga em Werner Heisenberg**: apropriações do legado clássico por um físico do século XX. *Archai*, 2013, n. 11, jul-dez, p. 21-32. Disponível em: <[https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24513/1/archai11\\_artigo3.pdf?ln=pt-pt](https://digitalis-dsp.uc.pt/bitstream/10316.2/24513/1/archai11_artigo3.pdf?ln=pt-pt)>. Acesso em novembro de 2020.
- LUHMANN, N. **Sistemas Sociais**: esboço de uma teoria geral. São Paulo: Vozes, 2016. 573p.
- NIGRO, R. B. Desconstrução Linguagem Política. **Tese**. Doutorado. PUC Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp060956.pdf>>. Acesso em setembro de 2020.
- MOLINA, L. G. Memória organizacional e a constituição de bases de conhecimento. Marília: UNESP, 2013. 199f. **Tese (Doutorado)** – Programa de Pós- Graduação em Ciência da Informação - Faculdade de Filosofia e Ciências – Unesp/Marília. Disponível em: <[https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Molina\\_Leticia\\_Gorri.pdf](https://www.marilia.unesp.br/Home/Pos-Graduacao/CienciadaInformacao/Dissertacoes/Molina_Leticia_Gorri.pdf)>. Acesso em dezembro de 2018
- NIGRO, R. B. Desconstrução Linguagem Política. **Tese**. Doutorado. PUC Rio de Janeiro. 2007. Disponível em: <<http://livros01.livrosgratis.com.br/cp060956.pdf>>. Acesso em setembro de 2020.
- AGUIAR, F.; FRANCISCO, A. de.; NOGUERA, J. A. **REVISTA INTERNACIONAL DE SOCIOLOGÍA**. España. v. 67, n. 2, mayo-agosto, 2009. Disponível em: <[https://www.researchgate.net/publication/44200737\\_Por\\_un\\_giro\\_analitico\\_en\\_Sociologia](https://www.researchgate.net/publication/44200737_Por_un_giro_analitico_en_Sociologia)>. Acesso em setembro de 2020.



- NONAKA, I.; TAKEUCHI, H. **Criação do conhecimento na empresa**: como as empresas geram a dinâmica da inovação. Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- PORFÍRIO, F. **Filosofia Contemporânea**; Brasil Escola. Disponível em: <<https://brasilecola.uol.com.br/filosofia/filosofia-contemporanea.htm>>. Acesso em novembro de 2020.
- RODRIGUES, L. P.; NEVES, F. M. **Niklas Luhmann**: a sociedade como sistema. Porto Alegre: Edipucrs, 2012, 132 p.
- SALATIEL, J. R. Kant - teoria do conhecimento: a síntese entre racionalismo e empirismo. **Educação UOL**. Disciplina de Filosofia. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/kant---teoria-do-conhecimento-a-sintese-entre-racionalismo-e-empirismo.htm>>. Acesso em maio de 2019.
- SALVADORI, M. **O conhecimento e os problemas da filosofia [Bertrand Russell]**. Vídeo. 21 de jun. de 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Vrugzo9YKUo>>. Acesso em outubro de 2020.
- SANTOS, B. S. 2000. **A crítica da razão indolente**. Contra o desperdício da experiência. São Paulo: Cortez.
- SILVA, J. C. da. Especial para a Página 3 Pedagogia & Comunicação. **UOL**. Pesquisa Escolar. Filosofia. s/d. Disponível em: <<https://educacao.uol.com.br/disciplinas/filosofia/filosofia-da-linguagem-3-wittgenstein-e-a-figuracao-do-mundo.htm>>. Acesso outubro de 2019.
- SILVA, V. C. da. **Física e filosofia no pensamento de Werner Heisenberg**. IECTS PPGFIL-UERJ - PPGHCS-COC-FIOCRUZ. s/data Disponível: <<http://www.hcte.ufrj.br/downloads/sh/sh9/SH/trabalhos%20orais%20completos/FISICA-E-FILOSOFIA.pdf>>. Acesso em novembro de 2020.
- SOLÉ, C. Sociología Analítica. **Revista Internacional de Sociología**, España. v. 67, n. 2, MAYO-AGOSTO, p. 488-490, 2009.
- VEYNE, P. Como se escreve a História. 3. ed. Brasília, Editora UNB, 1998.
- WITTGENSTEIN, L. **Da certeza**. Trad. Maria Elisa Costa. Lisboa: Edições 70, 1969.
- ZARTH F. H. F. **Ceticismo e Princípios Epistêmicos**. Semana Acadêmica do PPG em Filosofia da PUCRS - VIII Edição, 2011. Disponível em: <<https://editora.pucrs.br/anais/semanadefilosofia/VIII/1.14.pdf>>. Acesso outubro de 2020.